

PLANTAS MEDICINAIS UTILIZADAS POR MULHERES INDÍGENAS PARA TRATAMENTO DE AFECÇÕES GINECOLÓGICAS: REVISÃO INTEGRATIVA

Gabriely Bezerra De Castro¹

Breno Sousa Bandeira²

Anna Beatriz Justino Do Nascimento³

Leilane Barbosa De Sousa⁴

RESUMO

Apesar dos avanços da medicina convencional, o uso de plantas para o tratamento de afecções ginecológicas ainda é um recurso muito utilizado em diversas culturas, especialmente em populações tradicionais. Os povos indígenas, sobretudo as mulheres, detêm saberes milenares acerca do uso de plantas no tratamento de afecções ginecológicas. Objetiva-se identificar as plantas medicinais utilizadas por indígenas para o tratamento de afecções ginecológicas. Trata-se de uma revisão integrativa desenvolvida a partir da seguinte pergunta norteadora: "Quais as plantas medicinais utilizadas por indígenas para o tratamento de afecções ginecológicas?". O levantamento bibliográfico foi realizado de 15 de abril a 06 de maio de 2022. A busca dos estudos foi realizada nas seguintes bases de dados: Medline, BDENF-Enfermagem, IBICS, WHO IRIS, HISA - História da Saúde, Coleção SUS, Paho, Lilacs, Sec. Est. Saúde SP, BBO - Odontologia, e Index Psicologia - Periódicos. Foram utilizados os seguintes descritores: plantas medicinais, fitoterapia, e medicina tradicional. Foram descritas 93 espécies de plantas oriundas de 7 estudos selecionados mediante a busca pareada, sendo encontrados trabalhos referentes à temática no período de 2009 a 2017. Foram identificadas 93 espécies de plantas utilizadas como medicinais no tratamento de afecções ginecológicas que foram divididas em quatro quadros. O primeiro quadro é composto por plantas indicadas para vaginites e vaginoses e contém 34,41% da amostra. No segundo quadro, são apresentadas as plantas mencionadas para IST's, somando 13,98%. No quadro três, das indicações em caso de menstruação ou alterações uterinas, 30,11%. O quadro quatro apresenta 21,51% da amostra que são referentes tanto aos casos de aborto, concepção, contracepção, parto quanto pós-parto. Observa-se que a cultura indígena feminina apresenta vasto conhecimento acerca do uso de plantas no tratamento de afecções ginecológicas que precisa ser valorizado como recurso integrativo e/ou complementar nas práticas de cuidado em saúde da mulher.

Palavras-chave: Afecções Ginecológicas; Etnobotânica; Medicina Tradicional; Mulheres indígenas.

UNILAB, Instituto de Ciências da Saúde, Discente, gab.rielyromanovi@gmail.com¹

UNILAB, Instituto de Ciências da Saúde, Discente, brenoobandeira@gmail.com²

UNILAB, Instituto de Ciências da Saúde, Discente, beatrizjustino03@gmail.com³

UNILAB, Instituto de Ciências da Saúde, Docente, leilane@unilab.edu.br⁴

INTRODUÇÃO

As afecções ginecológicas são um problema de saúde no Brasil e no mundo. Dentre as quais podemos citar as Infecções sexualmente transmissíveis, Vaginites e vaginoses, distúrbios menstruais e alterações uterinas. Por serem as mais recorrentes (Brasil, 2020). As práticas integrativas e complementares em saúde auxiliam no tratamento de forma significativa quando são utilizadas corretamente e diminui a distância entre o saber popular com a prática medicalocêntrica.

Para Neto et al (2014), devido à grande influência da medicina alopática, a medicina popular acaba, por vezes, sendo descartada, dificultando a preservação desse conhecimento nas comunidades tradicionais. A importância de registrar esses saberes destina-se ao fato de que este possa ser continuado e prolongado entre as gerações e utilizado de forma integrada nos cuidados com a saúde das populações.

A utilização de plantas medicinais por comunidades tradicionais para o tratamento e manejo de doenças é um recurso histórico e cultural, ainda muito utilizado devido ao vasto conhecimento dos povos indígenas sobre a biodiversidade. É importante a valorização da memória para que sejam conservados os saberes tradicionais acerca dos efeitos fitoterápicos e da manipulação de cada espécie vegetal. (Silva et al., 2020).

Em relação à importância e o uso de plantas medicinais por mulheres indígenas, Da Mata et al (2012) em seu estudo aponta que as mulheres mais velhas detêm maior parte do saber em relação às mulheres mais jovens, ressaltando a dificuldade no repasse desse conhecimento sobre cada planta.

METODOLOGIA

O estudo trata-se de uma revisão integrativa da literatura cuja finalidade é construir uma análise ampla da literatura, reunir e sintetizar resultados de pesquisas sobre determinado tema ou questão, visando contribuir no aprofundamento de conhecimento sobre o tema investigado, assim como na realização de futuros estudos. A pesquisa foi desenvolvida a partir das seguintes fases: elaboração da pergunta norteadora, busca ou amostragem na literatura, coleta de dados, análise crítica dos estudos incluídos, discussão dos resultados e apresentação da revisão integrativa. (Souza et al., 2010).

A questão norteadora foi definida por meio da utilização de estratégia PICO, onde: P=afecções ginecológicas, I= plantas medicinais utilizadas por indígenas, e O= tratamento de afecções ginecológicas. Considerando que o objetivo da pesquisa foi o levantamento, não houve busca de estudos que compararam o uso de plantas a outras intervenções. Assim, a revisão foi realizada com base na seguinte pergunta: Quais as plantas medicinais utilizadas por indígenas para o tratamento de afecções ginecológicas?

O levantamento de artigos foi realizado nos meses de abril a maio de 2022. A revisão seguiu etapas recomendadas por Mendes et al. (2008) e Souza et al (2010). A coleta de dados foi realizada por meio do portal da Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), com os descritores em Ciências da Saúde (DeCS): plantas medicinais, fitoterapia, e medicina tradicional. Como também, o uso das palavras-chave: indígenas e povos indígenas, que foram utilizadas por estarem diretamente relacionadas ao tema investigado.

Foram realizadas quatro estratégias de busca no Portal BVS com o uso do descritor de assunto, utilizando o operador booleano AND: 1) “plantas medicinais” AND “povos indígenas”; 2) “plantas medicinais” AND indígenas; 3) fitoterapia AND indígenas; 4) “medicina tradicional” AND indígenas. A busca foi realizada pelo cruzamento dos assuntos, títulos e resumos.

As bases de dados utilizadas foram: Medline, BDENF-Enfermagem, IBECs, WHO IRIS, HISA - História da Saúde, Coleção SUS, Paho, Lilacs, Sec. Est. Saúde SP, BBO - Odontologia, e Index Psicologia - Periódicos. Escolhidos por conterem um expressivo número de periódicos indexados e serem referências na área da saúde.

Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos artigos foram: ser um estudo realizado no Brasil; e

possuir texto completo e disponível. Com o apoio do software RAYYAN, todas as publicações levantadas nas bases de dados foram organizadas e as duplicações foram removidas. Após leitura do título e resumo foram excluídos os estudos não elegíveis.

Os artigos resultantes foram lidos em sua totalidade, e foram excluídos estudos que não mencionaram pelo menos uma planta para afecção ginecológica e sua respectiva forma de uso. A busca e seleção de artigos foi realizada concomitantemente por dois pesquisadores de forma independente, sendo que os casos discordantes foram resolvidos por um terceiro pesquisador.

Inicialmente foram encontrados 45.890 artigos, por meio de busca pareada, identificados nos bancos de dados. Sendo incluídos os 1.498 artigos que continham texto completo e a região de estudo escolhida. Após leitura de título e resumo foram removidos 1.439 estudos por não serem estudos etnobotânicos ou etnofarmacológicos. Dos 59 artigos restantes, 35 foram eliminados por não atenderem ao objetivo da pesquisa. Os demais artigos foram eliminados por não responderem a questão de pesquisa ou por estarem duplicados. Totalizando assim, 7 artigos incluídos na revisão após leitura completa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram selecionados 7 estudos, sendo encontrados trabalhos referentes à temática no período de 2009 a 2017, sendo a maioria de 2012 (37,5%). A maior parcela dos estudos foi oriundos da região “Norte” (42,86%), seguida pelas regiões “Nordeste” e “Sul”, ambas com 28,57%. Todas as pesquisas foram de campo 100%. A maior parcela dos estudos é caracterizada como etnobotânicos (71,43%) e (28,57%) são etnofarmacológicos.

Foram identificadas 93 espécies de plantas utilizadas como medicinais para afecções ginecológicas, algumas contendo mais de uma indicação, sendo que 34,41% das plantas são indicadas para vaginites e vaginoses; 13,98% são mencionadas para IST's; 30,11% são indicadas em caso de menstruação ou alterações uterinas; 21,51% são referentes tanto aos casos de aborto, concepção, contracepção, parto quanto pós-parto.

As informações etnobotânicas obtidas foram agrupadas e distribuídas em quatro quadros específicos contendo o nome do autor, nome científico da planta, nome popular, parte utilizada, modo de uso, indicação, tribo/aldeia, e estado no qual cada estudo foi realizado, respectivamente.

Um estudo de Moura Costa et al (2012) relatou que a espécie *Zanthoxylum rhoifolium* demonstrou atividade antifúngica contra *Candida albicans*, sendo os melhores resultados obtidos com 50% dos extratos das folhas. Esta planta também foi mencionada como um nociceptivo. Destacando também, que casca de *Luehea paniculata* e casca de *Schinus terebinthifolius* apresentam os melhores resultados contra *Candida albicans*, apresentando SI41,0 para as três espécies de *Candida* testadas.

Do mesmo modo, Brandelli et al (2013) em um estudo experimental sobre a atividade de plantas tradicionalmente utilizadas por indígenas anti-trichomonas vaginalis, ressaltou que os extratos das plantas “*campomanesia xanthocarpa*” e *Verbena* sp.” obtiveram êxito na redução da viabilidade do trichomonas vaginalis. Ao destacar que o extrato de *Verbena* sp., a 4,0 mg/mL resultou na redução completa do parasita, enquanto o de *Campomanesia xanthocarpa*, na mesma concentração, inviabilizou o parasita em 96%.

Cunha Lima (2011) ressalta que muitas plantas, apesar de ainda não terem sido estudadas como possíveis agentes terapêuticos possuem alta eficácia segundo indivíduos da comunidade, e poderiam ser consideradas para testes farmacológicos. Como é o caso do *Anacardium occidentale* L. conhecido popularmente como “caju”, que foi mencionado por possuir alta precisão e rapidez na cicatrização de feridas profundas.

Em relação à importância e o uso de plantas medicinais por mulheres indígenas, Mata et al (2012) aponta que as mulheres mais velhas detêm maior parte do saber em relação às mulheres mais jovens, ressaltando a dificuldade no repasse desse conhecimento. Além disso, apesar das mulheres wajãpi tentarem fazer o uso de plantas medicinais para tratar suas doenças, existe a dificuldade da aceitação desses tratamentos por

profissionais atuantes em áreas indígenas. As mulheres wajãpi mencionaram utilizar a planta “Kadjurá” para dor abdominal, bem como o uso do caule do “kuremó” para coceira.

Em seu estudo, Oliveira et al (2017) também ressalta o uso e conhecimento sobre plantas, ao trazer uma investigação sobre o conhecimento acerca do uso de uma planta “Byrsonima crassifolia” e “B coccolobifolia” conhecida popularmente como “mirixi”. Evidenciando que o conhecimento sobre o uso da espécie está distribuído igualmente entre os gêneros e faixas etárias da comunidade. Indicando a utilização dessa planta para tratamento de inflamações uterinas.

Para Neto et al (2014), devido à grande influência da medicina alopática, a medicina popular acaba, por vezes, sendo descartada, dificultando a preservação desse conhecimento nas comunidades tradicionais. Da mesma forma, alguns outros fatores também têm dificultado a manutenção desse conhecimento, como é o caso das tecnologias que surgem como um influenciador que, apesar de apresentar benefícios, acaba tornando cada vez menos importante o contato da geração mais jovem com os ensinamentos dos pais ou avós.

CONCLUSÕES

Diante dos resultados evidenciados nesta revisão integrativa da literatura é possível observar que as plantas medicinais são um importante recurso terapêutico para prevenção de agravos e promoção da saúde da mulher no contexto cultural da população indígena. A partir dos estudos etnobotânicos é possível notar que o saber tradicional indígena sobre as plantas, passado de geração em geração, possui grande valor histórico e cultural.

É possível observar limitações no que tange à retenção de algumas informações dos estudos sobre o preparo ou parte utilizada de algumas plantas que não estavam presentes nos quadros. Além disso, diversos estudos etnofarmacológicos estão sendo desenvolvidos para comprovar a ação fitoterápica de uma variedade de espécies de plantas consideradas como medicinais pelo saber popular. Por fim, é de grande importância o repasse do conhecimento tradicional dessas espécies para as futuras gerações, bem como o surgimento de novas comprovações científicas sobre os efeitos fitoterápicos das plantas citadas nesta revisão.

AGRADECIMENTOS

Ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica (BICT), da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP). E um agradecimento especial a orientadora deste trabalho professora Dr. Leilane Barbosa.

REFERÊNCIAS

- BRANDELLI, C. L.; VIEIRA, P.; MACEDO, A. J.; TASCA, T. Remarkable anti-trichomonas vaginalis activity of plants traditionally used by the Mbyá-Guarani indigenous group in Brazil. *BioMed Research International*. 2013. Disponível em: . Acesso em: 11 jul. 2022.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. Protocolo Clínico e Diretrizes Terapêuticas para Atenção Integral às Pessoas com Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST)/Ministério da Saúde, Secretaria de Vigilância em Saúde, Departamento de Doenças de Condições Crônicas e Infecções Sexualmente Transmissíveis. – Brasília : Ministério da Saúde, 2020.
- COELHO-FERREIRA M. Medicinal knowledge and plant utilization in an Amazonian coastal community of Marudá, Pará State (Brazil). *Journal of Ethnopharmacology*. v. 126, n. 1, p. 159-175. 2009. Disponível em: . Acesso em: 16 jun. 2022.
- DA MATA, N. D. S.; DE SOUSA, R. S.; PERAZZO, F.F.; CARVALHO, J. C. T. The participation of Wajãpi

- women from the State of Amapá (Brazil) in the traditional use of medicinal plants – a case study. *Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine*. v. 8, n. 48. 2012. Disponível em: . Acesso em: 01 jun. 2022.
- LIMA CUNHA, S.T.; RODRIGUES, E. D.; ALVES, C.; MERRIGAN, T. L. et al. The use of medicinal plants by an indigenous Pataxó community in NE Brazil. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*. v. 14, n. 1, p. 84-91. 2012. Disponível em: . Acesso em: 25 jul. 2022.
- MOURA-COSTA, G. F.; NOCCHI, S. R.; CEOLE, L. F.; DE MELLO, J. C. et al. Antimicrobial activity of plants used as medicinals on an indigenous reserve in Rio das Cobras, Paraná, Brazil. *Journal of ethnopharmacology*. v. 143, n. 2, p. 631-638. 2012. Disponível em: . Acesso em: 30 jul. 2022.
- NETO, F.R.G.; ALMEIDA, G. S. S. A.; JESUS, N. G.; FONSECA, M. R. Estudo Etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pela Comunidade do Sisal no município de Catu, Bahia, Brasil. *Revista Brasileira de Plantas Mediciniais*. v. 16, n. 4 p. 856-865. 2014. Disponível em: . Acesso em: 19 maio 2022.
- OLIVEIRA, R. L. C.; SCUDELLER, V. V.; BARBOSA, R. I. Use and traditional knowledge of *Byrsonima crassifolia* and *B. coccolobifolia* (Malpighiaceae) in a Makuxi community of the Roraima savanna, northern Brazil. *Acta Amazonica*. v. 47, n. 2, p. 133-140. 2017. Disponível em: . Acesso em: 11 maio 2022.
- SILVA, E. A. B.; CONCEIÇÃO, M. D. S.; GOIS, M. A. F.; LUCAS, F. C. A. Plantas medicinais, usos e memória na Aldeia do Cajueiro, Pará. *Gaia Scientia*, n. 14, v. 13: 31-50. 2020.
- SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Integrative review: what is it? How to do it?. *Einstein*. v. 8, n. 1, p. 102-106. São Paulo, 2010. Disponível em: . Acesso em: 12 maio 2022.
- MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. *Texto & Contexto - Enfermagem*. v. 17, n. 4, p. 758-764. 2008. Disponível em: . Acesso em: 16 jun. 2022.